

Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt

Nova Cartografia Social da Amazônia

Indígenas na Cidade de Manaus: Os Sateré-mawé no Bairro Redenção

17



T. 00034

Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt

Participantes da oficina

Nome	Idade	Etnia/Relação Familiar
Moisés Ferreira de Souza	28	Sateré do rio Andirá
Érico Souza dos Santos	19	Sateré do rio Andirá
Anita Ferreira Lima	22	Sateré do rio Marau
Nilson Ferreira de Souza	25	Sateré do rio Andirá
Suzy Ferreira de Souza	15	Sateré do rio Andirá
Elenilce Corrêa de Souza	21	Tiriós do estado do Pará
Marly de Souza Leocádio	30	Sateré do rio Andirá
Eguiberto Rock Leocádio	31	Maiuruna de Manaus.
Wendel de Souza Leocádio	12	Maiuruna de Manaus.
Jarete Ferreira de Souza	18	Sateré de Manaus.
João Nascimento dos Santos	42	Esposo de Zorma Sateré do rio Andirá
Franciana Pantoja Ramos	27	Munduruku de Tefé
Wilson Ferreira de Souza	13	Sateré de Manaus.



Participantes da Oficina de Mapas. Homens (da direita para a esquerda): senhor João, Eguiberto (Maiuruna), Moisés (Sateré), Wilson (Sateré), Érico (Sateré), Nilson (Sateré) e Glademir. Mulheres (da direita para a esquerda): Marly (Sateré), Anita (Sateré), Jarete (Sateré) tendo no colo o pequeno o seu filho Jackson, Elenilce (Tirió), Franciana (Munduruku), Suzy (Sateré) e a pequena Brenda. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia
 Fascículo 17
 Indígenas na Cidade de Manaus: Os Sateré-mawé no Bairro Redenção. Manaus, 2007

ISBN: 85-86037-26-6

Coordenação do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Alfredo Wagner Berno de Almeida
 PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPQ

Coordenador da Oficina
 Moisés Ferreira de Souza
 (Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt)

Equipe da Pesquisa:
 Glademir Sales dos Santos
 Ana Kátia Santana Cruz
 Claudina A. Maximiano

Fotos e filmagem
 Luís Augusto Pereira Lima
 Glademir Sales dos Santos
 Claudina A. Maximiano
 Alfredo Wagner Berno de Almeida

Colaboração
 Professora Selda Vale da Costa
 (PPGSCA-UFAM)

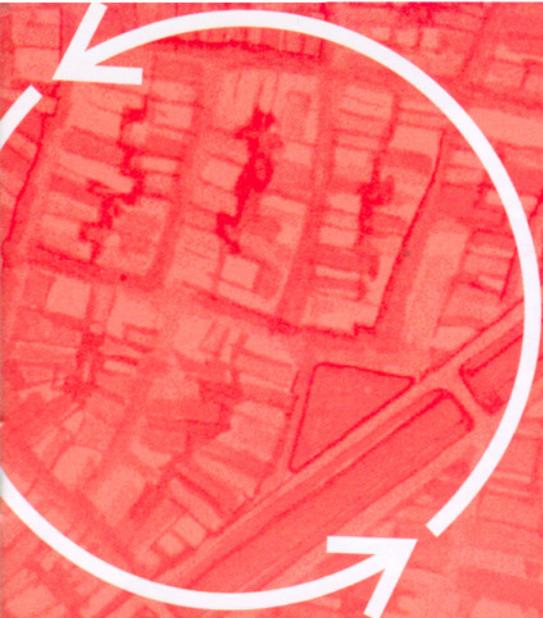
Transcrição realizada por
 Glademir Sales dos Santos.

Mapas
 Luís Augusto Pereira Lima

Realização
 Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt.

Apoio
 Ford Foundation
 FAPEAM
 UFAM/PPGSCA
 UEA / PPGDA
 Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Manaus

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social em Belém, foi apresentado o projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia" e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de côco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas gerou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia, como Manaus.



1. Quem Somos e de Onde Viemos?

Acima: Ritual da Tucandeira, realizado no dia 19 de abril de 2007. Estão dançando (da direita para a esquerda): Anderson, Wilson, Franciana, Iclias, Mirele, André, Camila, Moisés e Terezinha. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Abaixo: Da esquerda para a direita: João, Nilson, Moisés e Elenilce; atrás: Franciana. À mesa, do lado esquerdo: Érico e Anita; do lado direito: Nilson e Franciana. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM.

"Nós somos Sateré do Baixo Amazonas, do rio Andirá, próximo do município de Barreirinha, dá 320 km daqui de Manaus até a nossa reserva. Então, lá se situam 32 comunidades, mas conforme passaram para a gente, já não são mais trinta e duas, são trinta e três comunidades. Nós saímos... Nosso pai saiu da comunidade Conceição e minha mãe da comunidade Ponta Alegre. De Ponta Alegre, nossos parentes por parte de mãe estão aqui, alguns ficaram lá. Por parte de pai estão em Conceição, minha avó, meus tios meus primos, estão lá. Então, nós viemos empurrados pelas dificuldades que aconteceram dentro da nossa família. Meu avô, que era tuxaua morreu. E como só tinha filhas mulheres, três delas acabam saindo da reserva para vir estudar. No primeiro grupo vieram duas famílias trazidas pelo SPI Serviço de Proteção ao Índio, um funcionário do SPI, para Manaus, e ficaram situadas no Morro da Liberdade, onde estavam morando. Depois disso, veio mais uma família, mais umas tias que vieram para estudar e trabalhar. Mas, só que nunca tinham saído de lá da reserva, situadas num local desconhecido para elas, uma maneira muito diferente de vida na cidade de Manaus. Não se adaptaram ao trabalho, um trabalho forçado, era um trabalho de casa de família. Apesar de não falar o português correto, como hoje temos a facilidade de falar português, mas naquela época não foi mais dificultoso pra elas pela discriminação que sofreram um pouco, por mau falar português. Então saíram das casas de família. Aí veio mais uma família, um terceiro grupo no qual veio a minha mãe. Os meus pais vieram para Manaus." (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)

"Então, eu vim de Parintins. Eu Nasci aqui em Manaus, quem veio de lá pequeno foi minha irmã Vanda, mas ela não está aqui." (Nilson Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)

"Eu sou Anita, eu vim do Marau, meus pais são de lá, vieram do Marau, eu chamo Maués. Só que eu já fui nascida por parte de Maué, fora da... Só que meus pais são Sateré, meu pai e minha mãe, os dois são Sateré então eu sou Sateré [riso]. A comunidade é... Papai veio de Ponta Alegre, que ele conta. No Marau, ele ficou no rio Urupadi. Por aí ele foi... Ele não teve a comunidade certa." (Anita Ferreira Lima. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)

"Os Sateré jovens, eles saem dessas comunidades por causa do ritual da tucandeira. Cada comunidade faz, e eles saem para visitar. E lá eles conhecem as meninas e ficam por lá uns tempos. Depois mudam pra uma outra comunidade onde acontece o ritual da tucandeira. Assim eles ficam. No caso, foi o que aconteceu com o meu pai para poder conhecer minha mãe: desceu da última comunidade até a primeira, para conhecer minha mãe. Meu pai é da Conceição, minha mãe é da Ponta Alegre, dois Clãs: Açaí e Gavião." (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)



À esquerda: Moisés Sateré participando da Oficina de Mapas. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

À direita: Anita (à direita) e Franciana (sentada).

Abaixo: Moisés e Nilson apresentam os mapas elaborados pelos grupos. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM.



2. Vivendo em Manaus

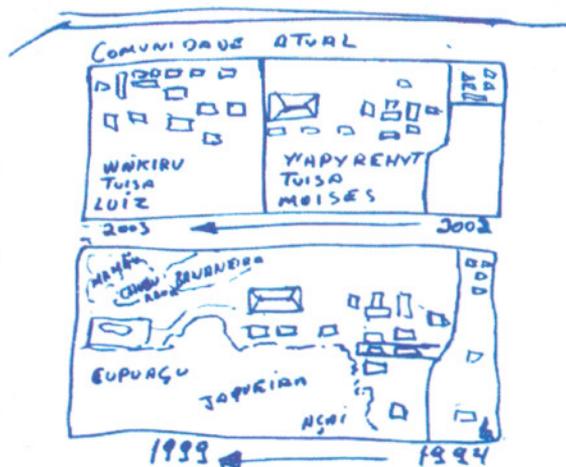
"Começamos a viver numa casinha, depois do Morro da Liberdade, no Alvorada, chamado Palhau, uma pequena casa ali situada. Deixa eu contar aqui [conta nos dedos], para dar um número exato das famílias Sateré-Mawé que tinha lá: uma, duas, três...Uma, duas, três, quatro. Parece que eram quatro famílias que viviam numa casa pequena, onde alagava, enchia às vezes por baixo do assoalho. Então, daí não deu como ficar. Alguns saíram para outros bairros que estavam surgindo, como pequenas invasões, e a gente entrou na quadra para ver se conseguia um pedaço de terra no São José... Do São José fomos para o novo Israel, do Novo Israel para cá, também, onde nós estamos. Esta é a nossa história dos Sateré-Mawé em Manaus, quando nós percorremos. Só que aí teve outra dificuldade: a do emprego." (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)

"Vou começar por mim. Vou explicar a trajetória dos Sateré-Mawé para Manaus. Isso aqui, inclusive é nossa família que veio do Andirá. Cada Sateré tem uma história para contar como veio até Manaus, com que foi trazido. Nós temos nossa história aqui também. Aqui mostra a nossa reserva do Andirá [está explicando a partir do desenho apresentado no cartaz], de onde nós saímos, onde estão situadas trinta e duas comunidades, agora trinta e três, próximo do município de Barreirinha, de Parintins também. Viemos da nossa reserva. Diretamente o primeiro abrigo foi o Morro da Liberdade, onde morava esse funcionário do SPI, o seu Hilário, esposo da tia Clara. Moramos lá, os nossos pais. Depois, que era apertadinho lá, demais, e não tinha como abrigar lá, no retiramos e fomos para o Alvorada, onde moramos. Se me recordo, acho que eu tinha uns sete anos. Ainda lembra, não é Boi [apelido da Marly]? Aquela casa onde o igarapé passava por baixo, alagava: às vezes ficava cheio d'água. E daí, fomos retirando, fomos para São José, onde era invasão. Moramos lá algum tempo. Aonde um ia, o outro ia atrás. Lá, tia Zelinda [em Sateré; Baku], Zeila [Kutera], tudo ali próximo. De lá, também, nos retiramos. Acho que não era nosso local. Do São José, já viemos aqui para Redenção, assim, um atrás do outro: um vinha primeiro, depois vinha outro, vinha. Quando vinham já estava tudo próximo ali, um pertinho do outro. Então fixamos na Redenção, onde nós estamos até hoje. Daí deu origem a outras comunidades, que saíram daqui desse local, que foram saindo para outros tipos de locais. Daqui da Redenção, a primeira saída foi da... Aqui eu coloquei a Zenilda [Moisés aponta para o cartaz], que teve um desentendimento e acabou retirando a AMISM [Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé] para a Compensa [o bairro]. Não, primeiro para a Cachoeirinha, depois para Compensa, e até hoje elas estão lá, na rua São Marçal. Depois, a segunda a se retirar foi a Leilinha [em língua sateré *Awaita*]. Ela não achou muito bom ficar ali, houve separação do esposo e acabou se retirando para o Aleixo que até hoje eles estão lá.

Só que ela saiu com a família, mas não fez comunidade, viveu assim em casa mesmo. E depois dessa, saiu a terceira que foi a tia *Zilma [Moreho]*, foi também, não achou muito bom. Então, se retirou com a família para o Novo Israel, que vive em casa também, não fizeram comunidade. Depois saiu a quarta que é a tia *Zelinda [Baku]*, que foi convidada pelo Hotel Ariaú, pelo seu Rito Bernardino, fazer uma apresentação. Lá no Ariaú não deu certo, mas ela não voltou, já ficou lá pelo Ariaú, onde fez comunidade, próximo à Vila do Ariaú, onde elas estão, chamado comunidade Sahu-ape. Estão lá Zelinda e família. Depois, o quinto, em dois mil e dois?... Dois mil e um? Dois mil. Foi dois mil, se retirou a família da *Kutera*, que é a Zeila, foram ali para o Tarumã, comunidade Inhã-bé, onde eles estão também até hoje, mas têm uma residência que fica próxima da nossa comunidade aqui. Então, aqui nessa comunidade ficou a família da *Zebina [Mekia]*, que veio a falecer. Mas os filhos hoje estão aqui presentes, que estão na liderança agora, no comando dessa comunidade. Somente a família da Zebina continuou aqui, filhos, filhas e sobrinhos, netos; estão aqui localizados agora na comunidade Y'apyrehyt. Então, esse trabalho [a elaboração do cartaz] foi realizado por mim, pelo Wendel, o Rodrigo e a Brenda." (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)

2.1 Organização do espaço da comunidade étnica

"Também, nós temos aqui a **divisão de comunidade**, articulação da secretaria também. Ela está miudinha [fala do tamanho do desenho no cartaz], porque eu pensava que ia fazer coisa maior, podia ampliar. Aqui tem antes, como era a comunidade e atrás dela tem outra visão como era, só que não tem como mudar, mas aqui dá para ver [ele se refere a outro desenho no verso do cartaz apresentado]. Aqui existia mato, nossa comunidade era aqui, depois foi perdendo os espaços. O pessoal que ia saindo, ia vendendo as casas. E fomos perdendo os espaços assim. Hoje, ficamos um pouco exprimidos. Atualmente, a comunidade se dividiu em duas: do outro lado está a Waykyhu [em sateré significa estrela], e deste lado a Y'apyrehyt]. Aquela é Liderada pelo Luiz, esta é liderada por mim, o Moisés. E um pontinho [indicando no cartaz], onde está a casa da Zeila, que é representação dela, que ela possa dormir, está presente aqui na cidade." (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)



3. Formando Comunidade

"Aí nós já entramos na questão de **como foi para formar a nossa comunidade?** Aí, isso nós temos como falar. Agora, temos os parentes que também recordam de quem são eles, que cada um pode falar. Quem, como quem é tu, Nilson, será que tu és Tikuna, Tucano ou tu és Sateré? Pode pronunciar, falar, depois nós vamos trabalhar em grupo. É bom ouvir da boca de cada um do que o Moisés. O Moisés está forçando a falar que ele é Sateré. Então, cada um vai falar quem ele é. Você vai falar? Você?" (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)



Desenho elaborado na Oficina de Mapas e apresentado pelo Moisés Sateré. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM.

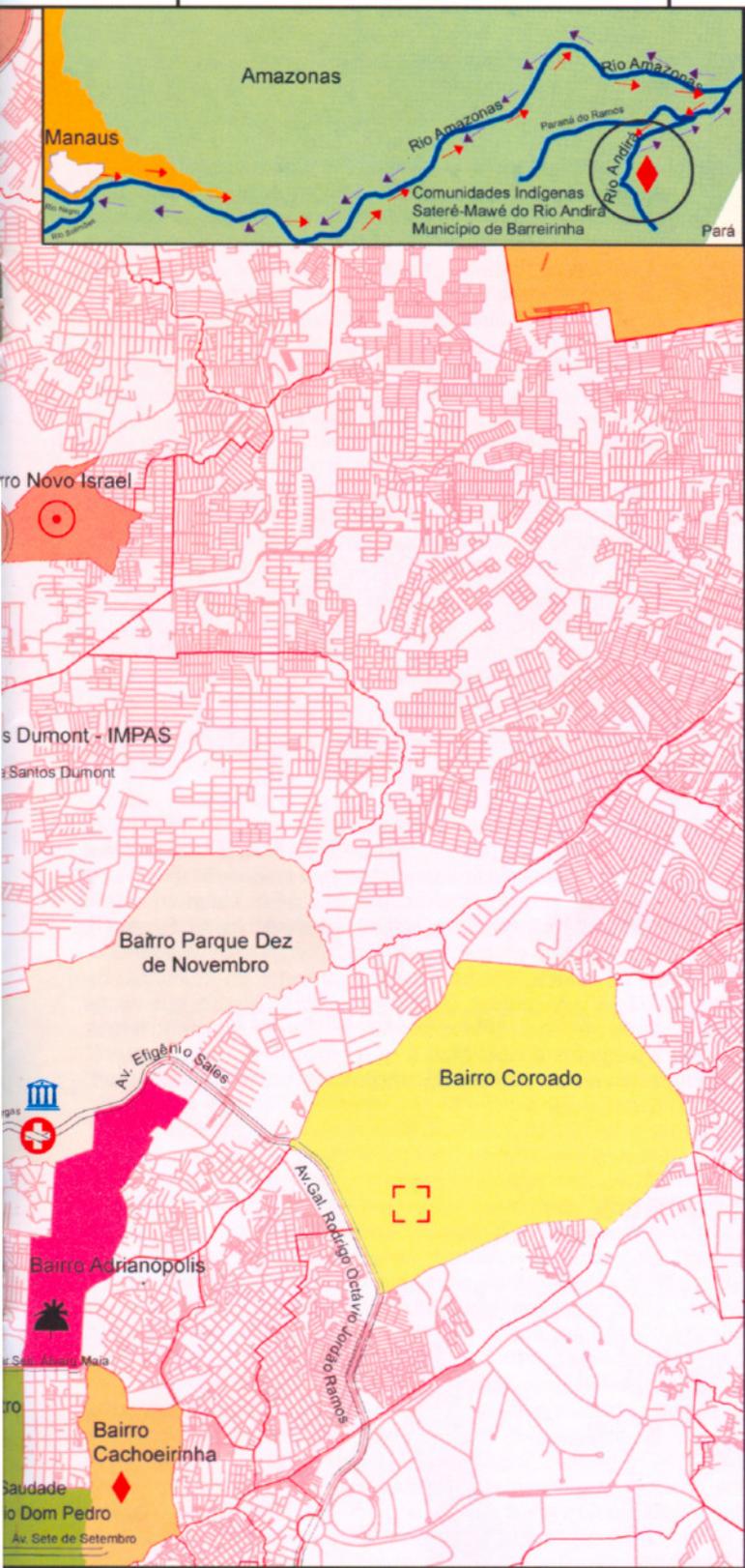
Da direita para a esquerda: Érico, Anita, Moisés e Wilson, Nilson e Brenda. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Ao lado: Participantes se confraternizam após um evento religioso. Destaques: senhora Zôrma (em pé), atrás do seu esposo, João, o qual participou da Oficina de Mapas; antes deles, está sentado o tuxaua geral do rio Andirá, senhor Joãozinho, que veio visitar os Sateré-Mawé de Manaus. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Mawé Y'apyrehyt no Bairro Redenção

60°0'0"W

59°57'0"W



60°0'0"W

59°57'0"W



Localização



Legenda

- Comunidade Indígena Sateré-Mawé Y'apyrehyt
- Poço Artesiano
- Linhas de Ônibus de Acesso à Comunidade
Linhas 014 - 203 - 208 - 218
- Venda e troca de artesanato
- Extração de Sementes
- Escola Municipal Raquel de Queiroz
- Escola Municipal João Alfredo
- Escola Municipal Nossa Senhora Da Paz
- Parentes Sateré-Mawé: Casa Sr. Ovidio e Sra. Zilma
- COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
- FUNAI
- AMISM - Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé
- FEPI - Fundação Estadual de Política Indigenista do Amazonas
- SEMED - Núcleo de Educação Indígena
- SEMSA - Núcleo de saúde indígena
- Futebol - Campo da UFAM
- Futebol - Campo Francisco Sales

Comunidades Vizinhas Indígenas Sateré-Mawé - Manaus

- Comunidade Indígena Sateré-Mawé Inhambé
- Comunidade Indígena Sateré-Mawé Mawé
- Com. Indígena Sateré-Mawé Waikiru-Rio Marau

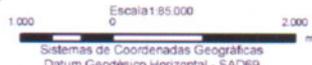
Comunidades Indígenas Sateré-Mawé - Próximas de Manaus

Circuito de trocas de produtos industrializados (por sementes, cipós, fibras, resinas e madeira para artesanato)

- Localização: retângulo na parte inferior esquerda do mapa
- Comunidade Indígena Sateré-Mawé Sahu-Ápé
 - Famílias Sateré-Mawé Km 37 da AM 070
 - Município de Iranduba
 - Compra de Palha
 - Município de Manacapuru
- Localização: retângulo na parte superior direita do mapa
- Comunidades Indígenas Sateré-Mawé do Rio Andirá Município de Barreirinha

Convenções

- Estrada AM 070
- Limite dos Bairros
- Arruamento
- Ruas Principais
- Rios



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia Indígena na Cidade de Manaus

Fonte

Croquis da Comunidade Indígena Sateré Mawé Y'apyrehyt elaborado dentro da oficina em 10-Maio-2007 sobre a base Cartográfica de Manaus

Equipe de Elaboração:
Moisés Ferreira de Souza
Glademir Sales dos Santos

Cartografia: Luis Augusto Pereira Lima



Participantes da Oficina de Mapas. Da esquerda para a direita: Eguiberto (Maiuruna), Suzy (Sateré), Marly (Sateré), Elenilce (Tirió), João, Wilson e a Jarete (Sateré), com o pequeno Jackson no colo. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

“Nós daqui da comunidade fomos espalhando, pegando de outra comunidade, porque minha esposa é Munduruku. Quer dizer, fomos pegando: os Sateré misturando com outras etnias. Sou Sateré, minha esposa é Munduruku. Não sei se qual é que puxa mais o sangue, se é Sateré ou Mundurucu, dos pequenininhos que vão surgindo. Mas espero que sejam Sateré quando crescerem [risos]. Mas, então, eu sou sateré, meu nome é *Ahut* [em sateré significa papagaio], Nilson, para vocês entenderem.” (Nilson Ferreira de Souza. *Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007*)

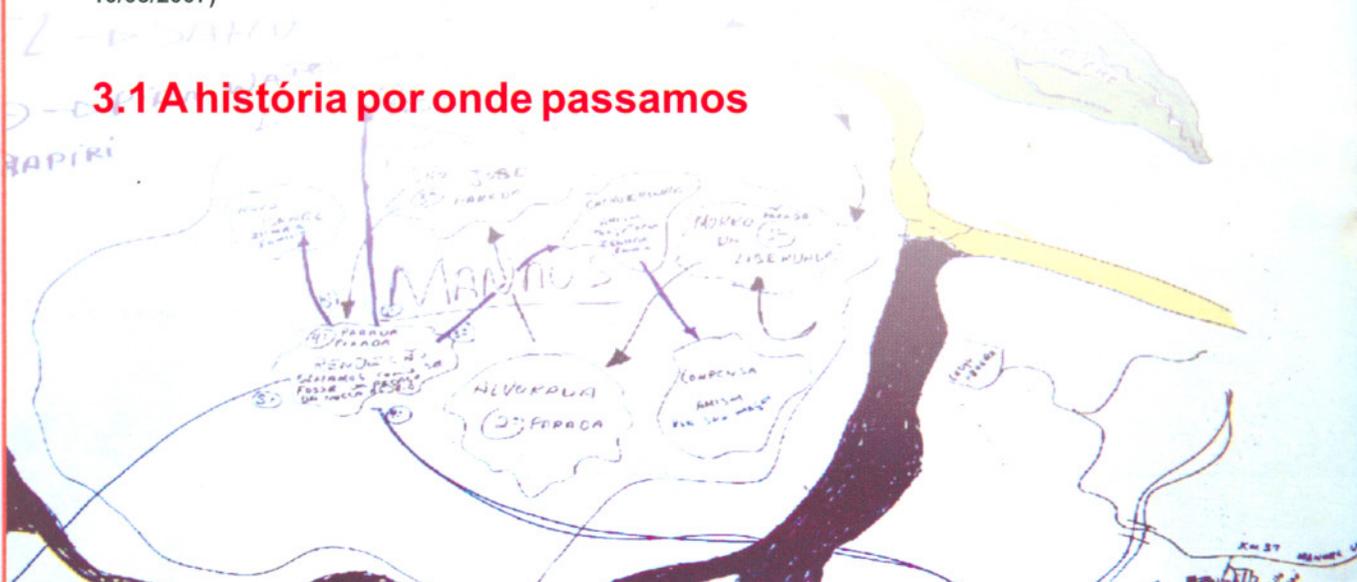
“Meu nome é Elenilce, eu sou do norte do Pará, do povo Tirió. Não sei falar minha língua, não sei como é que é. Só que eu me casei com Sateré e sei mais ou menos falar em sateré. Eu sempre procuro buscar e falar que eu sou indígena.” (Elenilce Corrêa de Souza. *Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007*)

“Eguiberto - Meu nome é Eguiberto, vim da comunidade Maiuruna, município de Tefé da comunidade do *Majauari*. Aí, vim para cá, eu tinha seis anos, com meus pais. Aí nós já andamos quase Manaus toda, de bairro em bairro. Aí, eu encontrei a Marly, que é Sateré, e estamos aqui na comunidade Sateré-Mawé.” (Eguiberto Rock Leocádio. *Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007*)

“Meu nome é Franciana. Eu nasci em Tefé e meus pais são de Borba. Bom, meu avô, ele era Mura. Por parte de mãe eu sou munduruku. Então, conversando com minha mãe eu nem sei, que são duas misturas. É isso: aqui em Manaus.” (Franciana Pantoja Ramos. *Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007*)

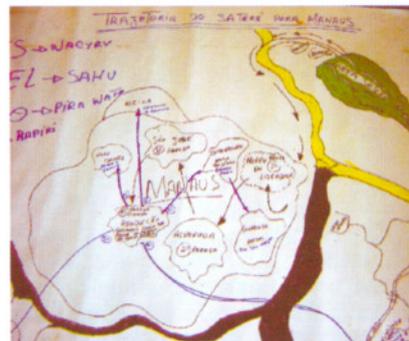
“Na nossa convivência, hoje, já tem uma mistura, porque em contato com outros povos já tem uma mistura. Já tem aqui do Tarumã, tem o Pedro que é Sateré, misturado com a Tikuna. Já nasceu o filho. Aí não sei o que ela decide: se é Tikuna ou se é Sateré. Então, um dia ela vai descobrir para qual ela puxou o sangue, do pai ou da mãe: Sateré ou Tikuna. Então, já estão misturando os povos. Na reserva não, só sateré, sateré com sateré. Em Manaus, já tem mistura com outras etnias porque nós estamos em constante reunião, assembléia, e acabam se conhecendo assim, vivendo juntos. Então, descobrimos quem somos nós. Nós temos agregados não só Sateré, mas com Munduruku, Maiuruna, aqui dentro da nossa comunidade. Nós somos do Andirá, nossa reserva é próximo do município de Barreirinha, nós somos de lá. Quem quiser fazer pesquisa é só ir lá perguntar, Conceição e Ponta Alegre, que vocês vão encontrar nossas raízes lá, nossos avós; avós por parte de pai estão em Conceição. Então, aqui nos não temos só Sateré, como vocês podem ver: tem alguns grupos agregados a nós. Mas o que predomina são os sateré” (Moisés Ferreira de Souza. *Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007*)

3.1 A história por onde passamos



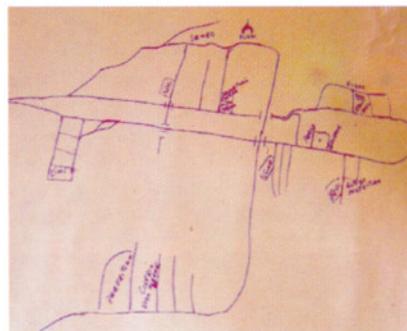
“Agora, a história por onde passamos. Como eu já contei, aqui foi relatado por onde passamos, por vários bairros de Manaus, quando estavam sendo invadidos. Houve pequenas invasões, e acabamos acertando esse local aqui, que, no caso, era uma área verde do conjunto Santos Dumont, que antigamente era chamado Parque das Seringueiras. Então chegamos aqui, por dificuldades financeiras. Sem trabalho, sem uma qualificação profissional, e a única qualidade que nós tínhamos era o artesanato, era nossa fonte. Para trabalhar com artesanato precisava de um local para a gente se reunir. Então, olhamos esse local e acabamos chegando aqui e entramos. Quando o pessoal descobriu que entramos aqui, parece que ficou com raiva, chamaram a polícia. Vieram os policiais, tentaram intimidar nós indígenas, nossos pais, com armas, com armas de fogo. Só que nós não nos intimidamos: se armaram com flechas e ficaram ali em cima. Eles recuaram. Aí envolveu a Polícia Federal, a URBAM, Ministério Público e a FUNAI. Aí vieram, tiveram uma reunião, sentamos e explicamos a nossa situação: de onde nós viemos e por que nós queríamos um espaço para a gente trabalhar: porque não tínhamos qualificação profissional, e tudo que nós sabemos é o artesanato. E até mesmo para nós discutimos nossa cultura na cidade de Manaus. Aí teve um acordo: nos deixaram aqui. Só que não passaram nenhum documento. Falaram que nós poderíamos passar o tempo que quiséssemos. O presidente da URBAM, o jornal *A crítica* teve aqui e aí registrou, esse documento nós temos guardado. Então, nos deu a segurança para gente. Aí, depois que descobriram que nós éramos indígenas, estão mais próximos da gente, começaram auxiliar. Eles tinham medo porque podia agregar favelas. Mas depois o pensamento deles mudou a respeito de nós. Eu comecei a fazer o cerimonial da Tucandeira, eles eram convidados, eles vinham assistir. Hoje, nem todos estão aí, vários vizinhos se mudaram, são novos. Então, passamos a maior história nossa aqui nesse local. Já estamos quase... Só nesse local aqui já são vinte e três anos ou vinte anos. Aqui já passaram várias lideranças, eu sou o terceiro, o quarto líder da comunidade. Mas futuramente vão ter outros que vão assumir esse local: que seja um trabalho para todos. Então, nesse momento, nós estamos fazendo essa cartografia, por isso é que é importante a gente relatar isso. Assim, vai ser futuramente uma arma p’ra gente, para mostrar para o poder público o que nós precisamos.” (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)

“E como formamos comunidade? Como eu falei, a comunidade foi formada por dificuldade financeira, e também pela nossa... É... A cultura, de que não possa perder. Só não ficar em mente, por causa das criancinhas que nascessem agora, iriam descobrir o porque do ritual da tucandeira, os artesanatos, as lendas, a história, os cantos. Então, tudo isso foi o que levou a gente a formar comunidade. E criamos aqui comunidade, aqui criamos o barracão, onde temos encontros e onde fazemos o ritual da Tucandeira e confeccionamos artesanato e recepcionamos os nossos visitantes, que vêm em busca de informações, já há uma troca entre eles e nós.” (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)



4 Liderança e Articulação

“Nossa articulação como liderança, como representante, eu tenho com a SEMED Secretaria Municipal de Educação, FUNAI, SEAS Secretaria de Assistência Social, CIMI Conselho Indigenista Missionário, SEMC Secretaria Municipal de Cultura, que no dia 19 de abril, nos forneceu apoio, a Pastoral Indigenista de Manaus, que sempre tem a... Essa... De fazer é... Crescimento para gente, dando oficina de direito, dando outras coisas mais de política; tem a COIAB Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, sempre estou presente ali na reunião, eu também vou fazer alguns documentos na sala deles. A praça da saudade, onde vendemos nossos artesanatos, que são confeccionados dentro da nossa comunidade. E a FEPI Fundação Estadual dos Povos Indígenas, de vez em quando eu estou indo lá, procurando saber de projeto, onde podemos encaixar, enquadrar nossa comunidade, para buscar recursos para melhoria dos nossos artesanatos e da nossa comunidade. E tem a Feira da Ponta Negra, onde também expomos nosso artesanato e é um meio onde podemos tirar uma renda, para a nossa comunidade sobreviver ao meio urbano que é a nossa cidade de Manaus. Então esse aqui é nosso trabalho.” (Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)



Acima: Oficina de Mapas: apresentação da trajetória dos Sateré-Mawé na cidade. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Abaixo: Oficina de Mapas: apresentação da articulação da comunidade Sateré-Mawé com as instituições. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.



Acima: barracão da comunidade: lugar das reuniões, trabalho, lazer e festas.
Fonte: comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

5. A Construção do Território

"Então, explicando aqui mais um pouquinho, não deu para fazer muito, detalhe por detalhe. Como nós fomos convivendo aqui na cidade de Manaus. Então, aqui eu explico um pouco da comunidade, quando avançamos, quando chegamos. Realmente a tia *Leila* [*Awaita*], carinhosamente ela é chamada de Leilinha, veio primeira e morou numa casinha aqui próximo. Hoje, foi vendida, num beco. E também vieram as famílias, que se localizaram aqui próximo da casa da mamãe, perto da tia Zelinda [*Baku*], um perto do outro. Quando um vinha, todos vinham atrás, estão sempre juntas. Então, a casa da mamãe, a *Zebina* [*Mekia*], da Zelinda, já foram vendidas, já perderam, da *Zeila*, [*Kutera*], o espaço maior já foi vendido, aqui, também já foi vendido, do Pedro, filho da *Kutera*. Aqui era do vizinho, o Caicai. Vocês ainda lembram dele? [se dirige aos seus parentes]. Pois é, era um vizinho que tinha uma doença, que sempre ele caía, aquela doença, epilepsia. Aí, apelidaram ele de Caicai. Então, aqui é nossa área [indica o desenho no cartaz], onde a *Zeila* está morando hoje, onde seria a construção de nosso barracão, só que ela morou e não deu como fazer, nós ficamos sem opção. Aí, aqui [descendo o beco Boa Esperança] é a casa da *Amazonina* [*Moi*], também ela foi vendida, do *Lucemir*, filho da *Zelinda*, quando saíram, venderam. Fomos perdendo espaço. Daqui ela avançou para cá, onde tinha o nosso campo de futebol. Lembram daquele campo de futebol? [se dirige aos ouvintes]. Pois é, aí ela veio p'ra cá. Nesse tempo eu me retirei, não sei como ficou. Quando voltei já tinha outro que deu enrolado. Estamos aqui até hoje, no final estamos aqui até hoje, onde construímos nosso barracão, nosso território, onde estamos morando. Depois houve uma cisão. Então essa é a nossa história onde nós estamos vivendo."
(Moisés Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007)



6. A Floresta na Cidade

"E aqui é a comunidade dos Tikuna, Cidade de Deus. Também nós fizemos uma parte de futebol lá, brincamos e outras coisas mais. Saímos de lá, eu já botei [desenhou o local da extração das sementes] a parte das sementes, que não era... É aqui no aeroclube, onde nós tiramos *tucumai*, para fazer anel. Sai de lá passa pela rodoviária, que incluíram também, e retornamos à comunidade. Isso aí é o nosso pequeno grupo que fizemos. Próximo grupo para se apresentar." ((**Nilson Ferreira de Souza. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007**)

"Boa tarde. Para dar início, a gente fez o local onde a gente vive, o barracão, as plantas, que estão ao redor, e essa rua aqui é Norberto Won Gal. A gente pega semente no Santos Dumont, naquela rua nova. A gente colhe *engarana*, *jatobá* e *tucumai*, às vezes *tento*, o *buriti*. Lá a gente pega formiga *tucandeira*. No Hiléia, a gente pega o *buriti*, *pupuiarana*, que é um carocô do qual a gente faz peça para montar o colar; *tento*, também, o vermelhinho que a gente usa para fazer o colar, a pulseira; e, mais lá acima, o *tucumai*, que faz o anel e o brinco pequeno. Aí, a gente viajou para bem longe lá para o Tarumã, lá a gente colhe o *araratucupi*: as árvores estão dentro da água e a gente pega. A gente vai à reserva que é o rio Andirá. Quando a gente não vai, a gente troca com roupa que agente arrecada aqui. E trocamos lá com *pucá*, *chumburana*, *araratucupi* e *caracuru*, que a gente encontra lá, que são a matéria prima que a gente usa para fazer os colares. E ainda tem ali em cima que são os pés de açaí: além de tomar o seu vinho, a gente deixa secar, para bater e fazer os colares. Bambuzal para fazer os colares, a buzina, para fazer..." (**Marly de Souza Leocádio. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007**)

"Aqui a gente fez uma amostra dos colares do que a gente colhe: o colar de *jumburana* com *tento* e *araturcupi*; tem aqui o colar do tuxaua, que tem a pena no meio. Fizemos a luva da *tucandeira*, o *sari-pé* [nome da *tucandeira* na língua sateré]. Temos vários tipos de colar aqui. Temos a máscara com a escama do pirarucu, e várias sementes aqui do lado, também. Aqui tentamos desenhar o Porantim. Então, são essas matérias que a gente colhe por aqui, ao redor, e que vêm da área, que servem para a gente trabalhar, que é o nosso sustento. Nós sobrevivemos delas; diariamente a gente está fabricando. Essas árvores da quais a gente colhe não precisa cortar, para a gente voltar várias vezes lá para pegar. Não precisa derrubar para tirar suas sementes, colhe tudo que tem em baixo, porque elas são baixas. A gente preserva para dar mais ainda e colher, porque a gente não vai parar por aqui. Oh, a minha mãe fabricava e passou para mim, e eu já estou passando para os meus filhos. Assim vai, para não desmatar e ensinando, ensinando, incentivando para trabalhar e preservar a nossa cultura, para que eles possam passar para os filhos deles. A gente desenhou, foi feito pelo Eguiberto, o senhor João, a Suzy, Elenilce, o Wilson e eu, a Marly (**Marly de Souza Leocádio. Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Índios na cidade de Manaus, 10/05/2007**)



Oficina de Mapas: as relações sociais da comunidade apresentada por Nilson Sateré. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Desenhos (à direita) feitos durante a Oficina de Mapas. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Oficina de Mapas: apresentação dos locais de extração e das trocas das sementes na cidade. Fonte: Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt, bairro Redenção, Manaus-AM, 2007.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém
7. Feirantes dos Portos Públicos de Belém
8. Ribeirinhos das Ilhas de Belém
9. Afro-religiosos na Cidade de Belém: terreiros, casas e templos religiosos
10. "Histórias de luta e conquistas dos moradores do Riacho Doce e Pantanal no Igarapé Tucunduba", Belém
11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares: A História Bairro Parque São Pedro", Manaus
16. "Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro", Manaus

Realização

Comunidade Sateré-Mawé Y'apyrehyt

Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM
PPGSCA



PPGDA
UEA



Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas

CIMI
CONSELHO INDIGENISTA
MISIONÁRIO

PIAM
PASTORAL INDIGENISTA DA
ARQUIDIOCESE DE MANAUS

